

Metodologia e Pesquisa em Projetos de Intervenção Social:

A experiência capixaba no município de Serra/ES

Márcia Barros Ferreira Rodrigues¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é relatar e explicar a pesquisa e o diagnóstico realizado nos bairros: Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Alterosa e Nova Zelândia, localizados no município de Serra, no estado do Espírito Santo (2006/2007). Os bairros foram tomados como realidade empírica na realização de um diagnóstico histórico-sociológico, com duração de 12 meses, com vistas à elaboração e implementação de um projeto de intervenção social, com foco no homicídio juvenil². A metodologia aplicada se pautou na perspectiva multidisciplinar, fruto da experiência local e parte da análise e percepção da realidade histórica e sócio-cultural dos jovens em situação de risco e vulnerabilidade social. Utilizamos a técnica da história oral em entrevistas de profundidade com os moradores mais antigos e particularmente com os jovens. O propósito dessa metodologia foi reconstruir a memória, a história dos bairros, a percepção da construção das identidades e as tradições culturais da comunidade.

Descrição e análise.

O município de Serra/ES tem apresentado um dos maiores índices de homicídio do Brasil. Entretanto, tal índice vem diminuindo desde 2005, período que coincide com as ações do *Fórum Serra Cidade da Paz*, formado por representantes das instituições públicas, privadas e da sociedade civil. O Fórum tem deliberado pela execução de ações sociais de prevenção à violência e a criminalidade, e estão sendo efetivadas pela Secretaria de Defesa Social do município, em conjunto com ações do *Plano de Enfrentamento* da SESP/ES - Secretaria Estadual de Segurança Pública e Defesa social.

¹ Márcia B.F. Rodrigues atualmente exerce o cargo de Professor Adjunto (Nível III) da Universidade Federal do Espírito Santo, pelo Departamento de Ciências Sociais. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em *Sociologia das Organizações* e *Sociologia da Violência*. Exerce ainda a função de Coordenadora Geral do NEI - Núcleo de Estudos Indiciários/UFES, e está vinculada, como docente, no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas/UFES, onde exerce atualmente, o cargo de vice-coordenadora.

² O estado do Espírito Santo possui 78 municípios e tem uma população estimada em 3.351.669 mil habitantes. Dos 78 municípios cerca de 60% tem menos de 40 mil habitantes O município de Serra possui 395 mil habitantes e os bairros pesquisados neste município tem cerca de 35 mil habitantes.

A pesquisa/diagnóstico³ realizada fez parte do conjunto de ações que o *Fórum* deliberou após 2005, e seguiu os parâmetros e orientações da SENASP – Secretaria Nacional de Segurança Pública, inscrevendo-se na perspectiva de analisar o fenômeno da violência e da criminalidade a partir da ótica da segurança cidadã. Do ponto de vista do método, a pesquisa baseou-se na análise documental numa abordagem inter e multidisciplinar, dado à natureza do objeto “violência”, que é um fenômeno multicausal. Seguimos a orientação do *Paradigma Indiciário*, e nesse sentido, nossa metodologia possui elementos de continuidade e ruptura com procedimentos metodológicos das ciências sociais ainda devedores do paradigma positivista. Assim, sem deixar de lado o paradigma racional-indutivo (continuidade), introduzimos o paradigma indiciário de base psicanalítica (ruptura). Tal metodologia tem o propósito de superar a dicotomia ainda existente entre racionalidade e irracionalidade, assim como dar conta da dimensão do imaginário e da fantasia (inerente ao humano), na ação política a partir de pistas ou sinais tomados como sintomas. Buscamos a interface interdisciplinar que remete ao campo dos estudos de fronteira entre História, Sociologia, Teoria Política e Psicanálise para o estudo do fenômeno da violência.

O fenômeno da violência, em geral, e o aumento significativo do índice de delito, em particular, têm-se apresentado na sociedade contemporânea como um desafio constitutivo e definidor de políticas públicas para a promoção do desenvolvimento humano. Diante desse fato, observa-se um crescente interesse por dados numéricos traduzidos em estatísticas por meio de gráficos, estimativas e mapas de cunho espacial e georeferencial, com o objetivo de mensurar o desenvolvimento do fenômeno social da violência e do delito. Sem dúvida, esses procedimentos quantitativos são relevantes e imprescindíveis como norteadores ou indicadores da dinâmica do fenômeno da violência. Inclusive, a construção desses dados é o primeiro passo em pesquisas e/ou projetos que visem à intervenção social. Entretanto, por ser a violência um fenômeno social multicausal e multifacetado, o grande desafio que se coloca de imediato, quer no mapeamento ou registro quantitativo, quer na análise

³ A referida pesquisa foi realizada no período de 2006/2007.

qualitativa, é a compreensão e a explicação do fenômeno social da violência nas suas causas, conseqüências e nuances histórico-sociais, culturais, econômicas, políticas e subjetivas.

A complexidade do fenômeno coloca de pronto a impossibilidade de uma definição heurística, como também a insuficiência de um tratamento unilateral do fenômeno. Os números registram os índices e permitem analisar sua dinâmica, mas não mensuram afetos e sentimentos que, por sua vez, são inerentes a qualquer fenômeno social, inclusive (e principalmente) a violência ou a criminalidade. O primeiro aspecto que se destaca é a variedade de formas de apresentação do fenômeno social da violência, tais como: violência doméstica, que engloba o estudo das contradições e conflitos da e/na dinâmica familiar; de gênero, que engloba as diferenças e desigualdades culturais no desempenho dos papéis sociais dos indivíduos enquanto homens e mulheres; infantil, que diz respeito aos mecanismos de proteção ou abandono dos menores quer no âmbito familiar, quer no âmbito social ou institucional; a criminalidade urbana, que envolve vários delitos como latrocínio, homicídio, genocídio com viés étnico, sem falar na dimensão simbólica e das representações sociais diferenciadas desse fenômeno que implicam em processos de subjetivação. Por isso, essas ponderações preliminares são necessárias para a percepção não só da complexidade como também da ineficácia de soluções imediatas ou em curto prazo.

O conhecimento teórico e as experiências práticas atestam o quanto é preciso uma abordagem holística para que programas e/ou planos de intervenção social atuem na prevenção, para que a médio e longo prazo a promoção do desenvolvimento humano se torne sustentável no campo da segurança pública.

Isto posto, destacamos que a estratégia metodológica da nossa pesquisa/diagnóstico foi a mensuração estatística e georeferencial como suporte da análise qualitativa nos bairros estudados no município de Serra/ES, a saber: Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Alterosa e Nova Zelândia. Portanto, a ênfase do nosso trabalho foi a *análise qualitativa de base interpretativista* na compreensão do fenômeno da violência. Nesse sentido, a pesquisa trabalhou

com *mapas de monitoramento georefencial* com foco no homicídio; *mapeamento geoespacial* dos equipamentos públicos e privados; *estudo do perfil dos jovens* (12 a 24 anos) em situação de vulnerabilidade social; *pesquisa participante*; *grupo focal*, *entrevistas de profundidade semi-estruturadas* com a técnica da história oral; e o *método indiciário* – técnica na qual o pesquisador observa e registra os indícios, os sinais, as pistas, os detalhes aparentemente não significativos, não ditos, não explícitos, compondo as necessidades e as especificidades vivenciadas no seu cotidiano. A pesquisa teve como objetivo geral a realização do diagnóstico histórico e sociológico a partir da reconstrução e identificação da história dos bairros para analisar sociologicamente as causas endógenas e exógenas da violência na região selecionada e traçar o perfil da população alvo.

A metodologia desta pesquisa entende que o fenômeno da violência e a dinâmica específica da criminalidade urbana são fenômenos multifacetados e complexos, e que envolvem necessariamente questões subjetivas, por isso utilizamos uma abordagem metodológica heterodoxa como forma de apreender as suas múltiplas representações sociais. É importante destacar que a metodologia parte do princípio de que ações de intervenção social por meio de políticas públicas, quando conduzidas com base em pesquisas quantitativas, que se traduzem em análises qualitativas, são mais eficazes, enquanto indicadores sociais que ajudam a mapear o campo de ação das medidas preventivas. Esta postura visa não só trabalhar com dados e informações em profundidade, como também construir junto com a população um plano no qual ela se reconheça como partícipe e não como mero objeto. Nesse aspecto destaca-se a estratégia metodológica da reconstrução da *história dos bairros* a partir da *história oral* como forma de reforçar a importância da reconstrução da identidade. Estamos certos de que essa medida garante credibilidade, legitimidade e sustentabilidade às medidas forem implementadas pelo executivo local.

Após a realização do mapeamento dos aparelhos públicos e benfeitorias privadas, deu-se a realização do diagnóstico histórico e sociológico. O caráter central desta etapa, sua importância singular para o desenvolvimento das

demais etapas, exigiu um dispêndio em termos de tempo para realização de *treinamentos em pesquisa qualitativa*, a fim de preparar os pesquisadores bolsistas às circunstâncias de campo, num contexto de entrevista.

Os treinamentos tiveram como objetivo aprimorar o conhecimento dos bolsistas acerca da metodologia qualitativa utilizada, no geral, no que diz respeito a sua riqueza e especificidade, e no particular, as técnicas de entrevista e grupos focais, suas singularidades, limites e potencialidades. O treinamento também teve a preocupação em alertar e precaver os pesquisadores quanto a situações comuns no processo de interação pesquisador-entrevistado e as variáveis a serem respeitadas e contornadas no decorrer da coleta de informações.

A primeira parte do treinamento voltou-se para a apresentação, em linhas gerais, dos *fundamentos teóricos e epistemológicos da pesquisa qualitativa*, ressaltando suas qualidades enquanto metodologia impar na busca pela compreensão dos elementos subjetivos não mensuráveis, como *visões de mundo, percepções e sensações* responsáveis pela construção de sentido por parte dos *atores sociais*, tanto de suas ações quanto da realidade a sua volta.

A pesquisa qualitativa é a metodologia que permite ao pesquisador conhecer as razões e os motivos que dão sentido às aspirações, às crenças, aos valores e às atitudes dos homens em suas interações. Portanto, possibilita ao pesquisador atingir um nível de compreensão acerca da realidade humana. Compreensão esta, que na metodologia adotada, somente é acessível por meio da fala dos atores.

Neste sentido, buscou-se ressaltar a *qualidade interacional da pesquisa*, onde o pesquisador e o pesquisado numa relação dialógica juntam as peças do grande quebra-cabeça da realidade social e a partir deste processo constroem um discurso explicativo sobre a mesma. Isto evidencia o caráter central do pesquisador na condução da entrevista, e em todas as etapas de coleta de dados. Nesta perspectiva o pesquisador assume uma postura aberta, livre de amarras que o impeçam de compreender os significados e valores que regem e sustentam a visão de mundo dos entrevistados. A postura não diretiva e aberta,

contudo, não significa desatenção ou ingenuidade. O pesquisador deve dar voz ao entrevistado, sem, contudo, deixar-se perder meio a devaneios e discursos obtusos por parte do entrevistado – o que representaria uma situação de dependência. O diálogo deve-se manter horizontalmente e o pesquisador deverá intervir quando necessário a fim de que todos os itens que necessitem ser pesquisados sejam abordados de forma efetiva.

As entrevistas individuais em profundidade com o uso da história oral ao privilegiar a fala dos atores sociais, permitem atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. Em outras palavras, a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante. Deste modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador; e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos atores: “pesquisador” e “participante”.

O tipo de entrevista utilizada na pesquisas foi a semi-estruturada. A opção tem relação com o nível de diretividade e controle do pesquisador. Optou-se por menor diretividade utilizando apenas a abordagem de temas, deixando o entrevistado livre para discorrer, fazendo apenas interferências pontuais por meio de um roteiro de tópicos ou perguntas gerais. Em resumo, a opção pela história oral se deu em função desta apresentar uma abordagem que além de almejar compreender uma realidade particular, tem um forte compromisso com a crítica social, por meio da auto-reflexão lógica e dialógica e pelo caráter emancipatório.

Ao dar voz aos pesquisados, estes atingem um grau de conhecimento maior acerca da realidade social e de seu papel e posição dentro dela, o que pode desencadear um processo de conscientização e crítica, fundamentais num processo democrático. Por isso, é preciso destacar que para abordagem oral

da realidade humana é preciso construir o processo de inserção do indivíduo em um contexto social particular, onde os participantes são vistos como pessoas que constroem seus discursos e baseiam suas ações nos significados derivados dos processos de comunicação com os outros, com quem compartilham opiniões, crenças e valores. Da mesma maneira, a conscientização de si, de sua realidade, a reflexão sobre suas crenças, concepções, ações e valores, amplia o poder de ação e transformação.

Diante do exposto, faz-se necessário uma digressão para situarmos teoricamente a importância da perspectiva histórica do tempo presente e da história oral como método necessário na construção da memória.

Nos últimos decênios grandes transformações marcaram o debate historiográfico. Poucos historiadores preservam a crença na capacidade da história de produzir um conhecimento inteiramente objetivo e recuperar a totalidade do passado. A objetividade das fontes escritas com que o historiador trabalha foi definitivamente posta em questão⁴. Apesar de ser um ponto divergente entre os historiadores na contemporaneidade, a chamada história do presente e a metodologia da história oral, que por alguns é considerada ilegítima por não garantir a tão aspirada objetividade, não é uma inovação do tempo presente, visto que foi utilizado desde a Antiguidade Clássica.

A historiografia da Antiguidade Clássica, como é sabido, recorreu aos testemunhos diretos na construção de seus relatos. Esse tipo de fonte foi desqualificado na segunda metade do século XIX, mas foi restaurado no século XX por historiadores que defendiam a validade do estudo do *tempo presente*. No entanto, a incorporação à disciplina histórica do estudo da história recente e do uso de fontes: muitas vezes é vista com suspeição e avaliada de forma negativa.⁵

A institucionalização da história como disciplina universitária e a emergência do ofício do historiador, fundou uma cisão significativa entre o passado e o

⁴ FERREIRA, M. M. *História, tempo presente e história oral*. Topoi Revista de História, Rio de Janeiro, v. 1, 2002, p. 314.

⁵ *Ibidem*.

presente. O profissional historiador destacou-se por ser habilitado a interpretar fatos ou acontecimentos do passado, a visão retrospectiva era fundamental para garantir a objetividade da ciência história, já que a concepção de objetividade adotada significava manter certo distanciamento do presente, da história recente. Logo, a legitimidade do estudo do passado em detrimento do tempo presente fundamentou a institucionalização da disciplina história.

Se acreditava que a competência do historiador se devia ao fato de que somente ele podia interpretar os traços materiais do passado, seu trabalho não podia começar verdadeiramente senão quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados. Para que os traços pudessem ser interpretados, era necessário que tivessem sido arquivados. Desde que um evento era produzido ele pertencia à história, mas, para que se tornasse um elemento do conhecimento histórico erudito, era necessário esperar vários anos, para que os traços do passado pudessem ser arquivados e catalogados.⁶

Entretanto, essa postura foi questionada por muitos, pois: Em que medida os arquivos ou documentos e, ainda interpretações dessas fontes, podem ser consideradas totalmente objetivas? Segundo Clifford Geertz, todo indivíduo é influenciado pela cultura em que se está inserido, há uma *teia de significados* para um mesmo fato ou fenômeno que está sob o domínio da cultura. Por isso, registros e tudo que se transcreve de um fato ou de uma experiência já estão imbuídos de ressignificações e interpretações que podem não corresponder essencialmente à realidade do fenômeno estudado. Assim, o trabalho profissional do historiador em interpretar a história de sociedades passadas, por meio de documentos oficiais, pode ser questionado quanto à objetividade tendo em vista que cada historiador poderia adotar uma distinta interpretação segundo todo o conhecimento e toda a experiência acumulada por ele e expressa por suas representações.

Essa maneira de pensar a história em geral, e o contemporâneo em particular, foi alvo de intensos debates na virada do século entre historiadores e sociólogos. Os sociólogos ligados à Durkheim, em particular Simiand, fizeram

⁶ FERREIRA, M. M. *História, tempo presente e história oral*. Topoi Revista de História, Rio de Janeiro, v. 1, 2002, p. 315-316.

pesadas críticas a Seignobos e ao método de pesquisa por ele concebido para garantir a objetividade. Na sua visão, o recuo no tempo não garantia a objetividade da história, pois todo historiador é tributário de sua época⁷. Não se pode negar a influência do pesquisador, por mais neutro que esse deseje e procure ser, sua simples presença pode imprimir alterações nas informações e nos dados qualitativos a serem coletados.

Entretanto, a separação entre passado e presente colocada dessa forma radical e as competências eruditas exigidas para trabalhar com os períodos recuados garantiram praticamente o monopólio do saber histórico aos especialistas. Assim, os historiadores recrutados pelas universidades no século XIX eram especializados na Antiguidade e na Idade Média, períodos que exigiam o domínio de um conjunto de procedimentos eruditos. Com isso pretendia-se impor critérios rígidos que permitissem separar os “verdadeiros” historiadores dos amadores.⁸

Destarte essa concepção de história, alguns conceituados historiadores editaram livros com a abordagem do tempo presente, apesar das críticas. Além do que, deve-se destacar que o uso de testemunhos vivos como fonte da história, ganha novo fôlego com a história do presente.

O uso da história oral não se reduz a analisar as partes (indivíduos) para se chegar a generalizações, mas não se pode suprimir a relevância do particular para se compreender o geral. A intenção é relacionar fenômenos macro-sociais à realidade particular, por exemplo, a problemática da violência e da fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade repercute na formação da mentalidade e da identidade do alunado. Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes

⁷ *Ibid*, p. 317.

⁸ FERREIRA, M. M. *História, tempo presente e história oral*. Topoi Revista de História, Rio de Janeiro, v. 1, 2002, p. 316.

testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações.⁹

Visto isso, cabe destacar que a história do presente contém pontos positivos e alguns obstáculos, como de resto em qualquer forma de conhecimento. Dessa maneira é mister observar que para a perspectiva por nós adotada é importante destacar a importância e a limitação da memória.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. As formas de perceber os fatos no presente são impregnadas de lembranças que compõem a experiência de vida de um indivíduo. Segundo Bérqson, a memória serve muitas vezes como um prático instrumento para que o sujeito restrinja a indeterminação, reproduzindo comportamentos que já foram adequados em certas situações. Assim, a memória é uma crescente reserva que se sedimenta a partir das experiências vividas.

Legitimada pela *Escola dos Analles*, a história oral se constituiu numa ferramenta muito importante para o processo de análise da realidade social. É possível investigar e analisar fatos e fenômenos histórico-sociais a partir de experiências relatadas por diversos atores sociais. Para o pesquisador que trabalha com a memória, quer por meio de registros escritos, quer pela oralidade (por exemplo, realização de entrevistas), é necessário que considere algumas interferências nesse processo de recordar. O tempo transcorrido entre o período em que ocorreu o fato ou o acontecimento evocado e o momento em que se lembra do ocorrido deve ser ponderado criteriosamente, pois o indivíduo que viveu o fato já imprime novos significados e reflexões sobre ele ao lembrá-lo algum tempo depois. A lembrança é moldada pelo presente, ou seja, o passado memorial de um indivíduo é sempre influenciado pelo presente vivido desse. Daí a importância do pesquisador que trabalha com memórias para analisar a realidade social sempre se preocupar em

⁹ ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2ª Edição, 2004, p. 19.

contextualizar o passado lembrado e o presente em que vive o depoente. Assim, segundo Ecléia Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.¹⁰

A cada período que se passa o indivíduo ressignifica o acontecimento, não só a partir da perspectiva individual, mas também segundo o que é relevante num determinado contexto social, tendo em vista que a memória individual se mescla com a memória social. Aquele que rememora, lembra inserido num contexto já dado, fruto de um trabalho de construção coletiva. A memória do indivíduo está presa à memória do grupo social a qual esse pertence e a memória do grupo diretamente ligada à tradição que configura um âmbito maior – a memória coletiva de cada sociedade.

Por isso, é importante ressaltar que tanto a História quanto a memória se constituem em representações narrativas que se configuram como uma reconstrução social do passado, tendo em vista que indivíduo e os grupos sociais que com ele interagem “refazem” o passado ao rememorá-lo. Nessa perspectiva em que a memória é uma reconstrução do passado, é preciso considerar suas limitações. Por exemplo: além da ressignificação com o tempo transcorrido, o ato de rememorar também é limitado pelos esquecimentos; nem tudo é lembrado. A memória é perpassada por um mecanismo seletivo, os fatos considerados não importantes são esquecidos. E ainda, as pessoas

¹⁰ BOSI, Ecléia. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p. 17.

esquecem e lembram conforme o contexto social em que vivem. A interação entre memória individual e memória coletiva induz fatos a serem lembrados e outros, não importantes, a serem esquecidos. O ato de recordar, que está sempre apoiado em referenciais coletivos, como já foi dito, possibilita variações quanto ao que é lembrado ou esquecido. Isso ocorre, pois a memória está sempre vinculada à lembrança e ao esquecimento – que, de certa forma, constituem uma unidade complementar e oposta. Essa seletividade do ato de reconstrução do passado sempre estará ligada ao contexto social em que o indivíduo rememora: composição do grupo ou segundo a conjuntura sócio-política em que vive o grupo, ou ainda de acordo com a formação ideológica do grupo social do qual participa esse indivíduo.

Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros "universos de discurso", "universos de significado", que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a História. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos. No outro extremo, haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. A rigor, o efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo quanto não fosse "atualmente" significativo para o grupo de convívio da pessoa. É o que sucede às vezes: os fatos que não foram testemunhados "perdem-se", "omitem-se", porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente.¹¹

No entanto, a memória, como já foi exposto, é tanto individual quanto social, por isso sofre influências da memória coletiva e da realidade social (entendida pelas relações com “a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão e com outros grupos de convívio e de referência peculiares a esse indivíduo”.) e também da subjetividade do indivíduo e, essa última, em momento algum, pode ser captada e transmitida fidedignamente pela sociedade que o rodeia. Por mais que o contexto social e a memória coletiva influenciem no ato de recordar, quem realiza essa ação é o indivíduo. Então,

¹¹ BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p 27.

não se pode negligenciar a subjetividade que, nessa reconstrução social do passado, seleciona aspectos e objetos, a partir de uma realidade coletiva (social), que podem ser significativos somente para o próprio indivíduo.

Há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós; e dizemos: "Só eu senti, só eu compreendi".¹²

É importante considerar outro fator que também influencia na seletividade da construção social e individual da memória – os afetos. Os valores e sentimentos emocionais reforçam o mecanismo seletivo de lembrar e também determinam o que é essencial e o que deve ser descartado. Pessoas que são apreciadas por um grupo terão suas mais simples atitudes guardadas ao passo que gestos nobres de um indivíduo sem prestígio social logo serão esquecidos.

Outros fatores interferem na memória, como o lugar que alguém ocupa na consideração de seu grupo de convivência diária, onde há desigualdade de pontos de vista, uma repartição desigual de apreço. O membro amado por todos terá suas palavras e gestos anotados e verá com surpresa, anos depois, seus menores atos lembrados e discutidos.¹³

Além dessas questões é preciso ressaltar que o exercício de lembrar está diretamente relacionado à função social do indivíduo, ou seja, a memória de uma pessoa torna-se importante conforme o papel que desempenha na sociedade. Por exemplo, assim como nas tribos primitivas os velhos “guardavam” e transmitiam as tradições, nas sociedades atuais, aos idosos atribui-se a função de resgatar e comunicar o passado (sua experiência) aos mais jovens.

Note-se a coerência do pensamento de Halbwachs: o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Há

¹² BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p 332.

¹³ *Ibid*, p 336.

um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar.¹⁴

Logo, o indivíduo, junto com a sociedade, segundo seus preconceitos e suas idiossincrasias e preferências, acomoda seletivamente suas lembranças e faz com que o seu passado (ou sua experiência) se torne importante conforme a função social que exerce. No caso dos idosos, sua função precípua é relembrar tendo em vista que suas atividades cotidianas diminuem, muitas vezes chegando a se ocuparem apenas das necessidades básicas. Por outro lado, as crianças e os jovens que vivem em função do agora e do porvir têm sua atuação focada em viver o presente e, quiçá, planejar-se para o futuro.¹⁵ Os adultos, muitas vezes tanto se ocupam com o presente (tarefas e deveres cotidianos) que mal dispõem de tempo para esboçar seu futuro.

O passado é, portanto, trabalhado qualitativamente pelo sujeito, sobretudo se o seu tipo for "elaborativo", em oposição ao "retentivo". [...] E, quantitativamente, também se notam diferenças: o passado pode ocupar quase todo o espaço mental do sujeito, como no caso dos velhos enfermos e aposentados; e pode, em situações opostas, ser desdenhado e esquecido, como a infância durante a adolescência, período em que o sujeito se acha situado antes do eixo presente-futuro que no eixo passado-presente.¹⁶

Segundo a teoria de Henri Bergson, exposta na obra de Ecléa Bosi, há dois tipos de memória: memória-hábito que faz parte de "nosso adestramento cultural" (repetição de gestos e palavras); imagem-lembrança que significa a lembrança única, singular que se refere a uma situação definida, evoca uma data, um fato irreversível. A memória-hábito caracteriza a retenção de atitudes e comportamentos do qual os indivíduos se vale automaticamente, essa memória é adquirida por meio da atenção e da repetição de gestos ou

¹⁴ BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p. 23

¹⁵ Considerando a contemporaneidade em que os jovens vivem sob a égide do *Carpe Diem*, muitos não querem nem considerar que há um futuro, ocupam-se integralmente em viver e "aproveitar" o presente.

¹⁶ BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p.29.

palavras, por exemplo, o ato de escrever, de costurar e de dirigir está diretamente ligado a essa perspectiva da construção de uma memória-hábito que incorpora às práticas cotidianas de um indivíduo.

De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado.¹⁷

Tendo em vista que a memória é uma construção individual e também social e não está inerte aos processos pelo qual a sociedade passa, é preciso considerar que ela também imprime marcas no processo de inserção dos indivíduos na sociedade - a socialização.

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.¹⁸

As instituições sociais (família, escola, igreja) acumulam fatos e acontecimentos anteriores e posteriores a efêmera vida de um indivíduo e essa construção apriorística faz com que os indivíduos internalizem padrões que imprimem maneiras de agir específica de acordo com o tempo em que vivem e não como desejam. Autocontrole é “a força do tempo social marcado por pontos de orientação que transcendem nossa vontade e nos fazem ceder à convenção”.¹⁹

Tanto as instituições quanto os grupos sociais influenciam na composição da memória e, por isso, é muito complexo determinar algum grupo ou alguma instituição que se sobreponha nessa construção. No entanto, destaca-se que a

¹⁷ BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p 11.

¹⁸ *Ibid*, p 31.

¹⁹ *Ibid*, p 338.

memória individual (que também é coletiva ou social) se desenvolve baseada em laços de convivência familiares, escolares, profissionais - cada um com suas especificidades.

O tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do escritório... Em meios diferentes ele não corre com a mesma exatidão.²⁰

A família tem um papel fundamental na construção da memória de um indivíduo. Tradicionalmente, todos os acontecimentos externos ao ambiente doméstico são filtrados pelos pais e parentes até chegar às crianças. Embora, hoje, a mídia tenha assumido um pouco desse papel, tendo em vista que algumas crianças, por várias razões (condições sócio-econômicas, falta de tempo dos pais, etc.) têm acesso à informação pelos meios de comunicação e não pela família, pode-se observar que por um longo período e, em alguns casos nos dias de hoje, os pais interpretam as informações para transmiti-las aos seus filhos. Dessa forma, pode-se dizer que as primeiras recordações de um sujeito não são essencialmente suas, elas chegam ao indivíduo por essa transmissão “filtrada” e constituem parte de um legado deixado pelos pais e parentes.

Muitas lembranças, que relatamos como nossas, mergulham num passado anterior a nosso nascimento e nos foram contadas tantas vezes que as incorporamos ao nosso cabedal.²¹

Além da família, consideram-se também os grupos que cercam esse âmbito privado como significativos para o processo de construção da memória. Na constituição da memória familiar são importantes os contatos com outros grupos. Uma família pode ter morado longos anos num mesmo bairro, formando vínculos estreitos com a vizinhança; a criança sente-se incluída no

²⁰ BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p 339.

²¹ *Ibid*, p. 346.

grupo familiar e no da vizinhança, suas lembranças brotam de um e outro, dada à íntima vivência com ambos.²²

Por isso, e diante de tudo que foi apresentado, tomamos cuidado especial com o treinamento e a seleção dos entrevistadores para que fosse observado rigor metodológico nas entrevistas. A seleção foi feita de forma a conseguir ampliar a compreensão do tema e explorar as variadas representações sobre determinado objeto. Ou seja, o mais importante a ser considerado neste processo de escolha não é numérico, já que a finalidade não é apenas quantificar opiniões, mas explorar e compreender os diferentes pontos de vista que se encontram demarcados em um contexto. No caso específico desta etapa da pesquisa, onde objetivamos levantar um diagnóstico histórico, optamos por construir um banco de dados de atores sociais selecionados a partir de um critério filtro: ser morador do bairro ou trabalhar no bairro (no caso dos representantes do poder público). Os atores foram categorizados pelos seguintes critérios: a) sexo; b) idade; c) tempo em que reside no bairro; d) representação partidária; e) representação religiosa; f) se atua ou não como liderança (veja anexo).

Esta categorização teve como principal finalidade apresentar, de forma ampla e representativa, a diversidade de pontos de vistas da comunidade acerca de sua formação, história e identidade. E, para tal, foi preciso um reconhecimento do campo a fim de diagnosticar os segmentos sociais existentes. Em particular percebemos a existência de pequenas e diferentes linhas de igrejas evangélicas, as quais estavam distantes da Associação de Moradores destes bairros, o que levantou a necessidade de uma abordagem mais direta (face-a-face) a fim de coletar alguns nomes e preencher nosso banco de dados e suprir a lacuna de pontos de vistas. Outra categoria distante das associações de moradores são os comerciantes, e que demonstram ser um segmento muito importante a ser ouvido, tanto em função de sua posição coadjuvante na construção da história dos bairros, assim como na participação direta no estabelecimento e manutenção das dinâmicas e das relações sociais. Todos os

²² BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p. 352.

contatos foram abordados e informados acerca da natureza do projeto e da importância de sua participação no resgate da memória social do bairro. Os dados sobre idade, sexo, tempo de residência foram cedidos de forma consensual.

Os atores públicos também foram contatados, em função de seu papel e atuação dentro das comunidades. E em função de sua visão exógena da comunidade. Estes atores deverão ser ouvidos a fim de identificarmos possíveis percepções particularizadas acerca das dinâmicas sociais e mesmo identificarmos elementos centrais na história dos bairros, e que possam de forma direta ou indireta responder pela construção das identidades locais. Cabe salientar, que espectro de opiniões é limitado. Em outras palavras, dentro de um contexto social específico, onde um universo simbólico é compartilhado geralmente há um consenso em torno de pelo menos duas visões sobre um mesmo fenômeno ou realidade. Isto se evidencia a partir de um determinado número de entrevistas percebe-se o esgotamento das respostas, ou seja, elas tendem a se repetir e novas entrevistas não oferecem ganho qualitativo adicional para a compreensão do fenômeno estudado. E quando isto ocorre, é possível identificar a estrutura de sentido, e as representações compartilhadas socialmente sobre determinado tema de interesse comum. Por isso, a bibliografia sobre o assunto recomenda entre 15 a 25 entrevistas, ou pelo menos 2 entrevistados por segmento social. Neste sentido, acatando as recomendações dos autores, e levando em consideração o tamanho dos bairros a serem pesquisados, optamos por um total de vinte e cinco entrevistas, sobretudo para os bairros de Feu Rosa e Vila Nova de Collares. Já para os bairros de Alterozas e Nova Zelândia, pensamos em quinze entrevistados, em função do tamanho e do tempo de formação destes bairros.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2ª Edição, 2004.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: Zahar.

ARIÈS, P. *O amor no casamento*. In: **Sexualidades Ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983.

BOURGUIÈRE (*at all*). *História da Família*, Terramar, Lisboa, 1996 4 volumes, especialmente vol. 3, “As mil e uma famílias da Europa”, pp.15/ 83.

BERGALLI, Roberto. *História Ideológica do Controle Social*, PPU. Barcelona, 1989.

BERLINCK, Manuel Tosta. “*Insuficiência Imunológica Psíquica*”. Estudos Gerais da Psicanálise. In: **Psicopatologia Fundamental**. Escuta: São Paulo, 2000.

_____. *Psicanálise da Clínica Cotidiana*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. 2ª Ed, p. 352.

BITTENCOURT, Gabriel. 1987. *A formação econômica do espírito Santo: o roteiro da industrialização do engenho às grandes Indústrias (1535-1980)*. Rio de Janeiro, Vitória: livraria Editora Cátedra, Dpto estadual de cultura do estado do Espírito Santo.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. *Emoção e Política*, Porto Alegre, Sérgio Fabris Editor, 1997.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Édipo e Excesso*, Porto Alegre, Sérgio Fabris Editor, 2002.

_____. *A violência na boca do povo*. In: **Revista Direito e Avesso**, Ano III, n.3 Edições Nair, Brasília, 1983.

CERQUEIRA, D. and W. Lobão (2004). *Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos*. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro **47**: 233-269.

COLEMAN, J. S. *Foundations of social theory*. Cambridge Belknap Press of Harvard University Press. 1990.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1994

_____. *A sociedade de corte*. Lisboa Estampa. 1995.

FERREIRA, M. M. *História, tempo presente e história oral*. *Topoi Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 1, 2002,

FOUCAULT, M. & FARGES, Arlette. *Le désordre des familles*, Paris: Gallimard.

FREUD, Sigmund. “A interpretação dos sonhos” “O inconsciente”, Cinco Lições de Psicanálise. In: **Obra Completa**, Standard Edition, Imago, Rio de Janeiro.

GASKELL, George e BAUER, Martin W. (Ed). *Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som. Um manual prático*. GUARESCHI, Pedrinho A. (Trad.) Petrópolis, Vozes, 2002.

GAY, Peter. *Freud para historiadores*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1989.

GINZBUR, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Cia Das Letras, São Paulo, 1989.

_____. *Relações de Força*, Cia. das Letras, São Paulo, 2002.

GOFFMAN, E. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1988.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, Petrópolis, Vozes, 2003.

HUNTINGTON, S. P. *A ordem política nas sociedades em mudança*. Rio de Janeiro Forense-Universitária. 1975.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, Ática, São Paulo, 1996.

LEGENDRE, Pierre. *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1983.

LEVIN, Esteban. *A Clínica Psicomotora. O corpo na Linguagem*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1995.

MAIA, Marisa Schargel. *Extremos da Alma. Dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MACPHERSON, C.B. *A teoria do individualismo possessivo: de Hobbes a Locke*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

MENANDRO, Paulo Rogério M, TRINDADE, Zeidi Araújo, BORLOTI, Elizeu Batista. *Pesquisa em Psicologia. Recriando Métodos*, Vitória, CAPES-PROIN, 1999.

MERTON, R. K. *Sociologia: teoria e estrutura*. Sao Paulo: Mestre Jou. 1970.

NADER, Beatriz. *Mudanças econômicas e relações conjugais: novos paradigmas na relação mulher e casamento - Vitória(ES.) 1970-2000*. Tese de Doutorado em História, USP, São Paulo.2003

NEDER, Gizlene. *Violência & Cidadania*, Porto Alegre, S. A. Fabris., 1994.
_____. *Ajustando o foco das lentes - um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil*. In: **Família Brasileira**, São Paulo, Cortez/ UNICEF.

NEDER, Gizlene & CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Criminologia e Poder Político. Sobre Direitos, História e Ideologia*, Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006.

_____. *Os filhos da lei*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol; 16, número 45, 2001.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RODRIGUES, Márcia B.F. *Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário*. In: **Revista Dimensões**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo- CCHN, nº 17, 2005, pp.213-221.

_____. *Exclusão e imaginário político: reflexões acerca das emoções no processo de inclusão social*. In: **Exclusão social, violência e identidade**. Sebastião Pimentel Franco, Gilvan Ventura e Anselmo L. Laranja, organizadores. Vitória: Flor & Cultura, 2004, pp. 31- 40.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Cia. das Letras, São Paulo, 2005.

SENNETT, Richard. *Respeito: A formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIQUEIRA, Maria da Penha. *Crescimento urbano: modernização e fragmentação social*. In: **Sociedade e Pobreza**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de História Social das relações Políticas, 2006.

VALLADARES, L. and E. Préteceille (2003). *Análise e problemas metodológicos no estudo do sistema urbano, do Mercado de trabalho e da violência urbana, o caso do Brasil*. Research project on urbanização and models of development in latin america Center for migration and Development Princeton universit.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. *A criminologia como instrumento de intervenção na realidade*. Porto Alegre, mimeo, 1990.

ZIZEK, Slavoj. *The grip of ideology: a Lacan an approach to theory of ideology*. In: **Journal of politycal Ideologies** (2001), 6(2), 191-214.

RODRIGUES, M.B.F. **Metodologia e Pesquisa em Projetos de Intervenção Social: A experiência capixaba no município de Serra/ES.** In: **SINAIS - Revista Eletrônica** – Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.06, v.1, Dez. 2009. pp. 154-178.

ZIZEK, Slavoj. *O espectro da ideologia.* In: **Um Mapa da ideologia.** (Org.) Slavoj Zizek. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ANEXOS

Roteiro das Entrevistas

Moradores Jovens

BLOCO I - Memória da infância

Conte um pouco sobre sua infância em Feu Rosa/Vila Nova de Collares:

- a) Como era o bairro quando você era pequeno?
- b) Infra-estrutura: saneamento, iluminação, pavimentação, drenagem etc.
- c) Quais eram as opções de lazer? E as escolas. Fale um pouco sobre
- d) E sobre os moradores: características culturais, sociais, econômicas etc.
- e) Quais os aspectos positivos?
- f) quais os aspectos negativos?
- g) E sobre o relacionamento com os vizinhos, o que você poderia falar?
- h) Havia algum grau de associação/mobilização da comunidade?

BLOCO 2 - Resgate da história da família

- a) Você se recorda quando os seus pais vieram e com quem vieram?
- b) Por qual motivo?
- c) Quais expectativas tinham? As expectativas foram atendidas? Fale um pouco sobre.

BLOCO 3 - Trajetória do Bairro (na perspectiva individual)

1. Deste tempo, da sua infância e adolescência em Feu Rosa/Vila Nova de Collares, o que mais lhe marcou? (acontecimento, fenômeno, sentimento etc)
2. Você poderia relacionar acontecimentos que para você são marcantes na história do bairro? Quais são eles e porque são significativos?

Outros Moradores

BLOCO I - Resgate da memória da chegada

Conte um pouco sobre sua vinda para Feu Rosa/Vila Nova de Collares:

- a) Quando veio e com quem veio?
- b) Por qual motivo?
- c) Quais expectativas tinha? As expectativas foram atendidas? Fale um pouco sobre.
- d) Quais as primeiras impressões e percepções quando chegou?

BLOCO 2 - Percepções do Bairro

1. Como era o bairro quando você chegou?
 - a) Infra-estrutura: saneamento, iluminação, pavimentação, drenagem etc.
 - b) População: características culturais, sociais, econômicas, etc.
 - c) Quais os aspectos positivos?
 - d) quais os aspectos negativos?
 - e) E sobre o relacionamento com os vizinhos, o que você poderia falar?
 - f) Havia algum grau de associação/mobilização da comunidade?

BLOCO 3 - Trajetória do Bairro (na perspectiva individual)

1. Neste tempo que você mora em Feu Rosa/Vila Nova de Collares, o que mais lhe marcou? (acontecimento, fenômeno, sentimento, etc.)
2. Você poderia relacionar acontecimentos que para você são marcantes na história do bairro? Quais são eles e porque são significativos?